

# Editorial

**Analú Cunha, Fernanda Pequeno e Inês de Araujo**

Em março de 2022, a partir da sugestão da então editora-executiva Daniele Cavalcante e prontamente aceita por todas, começamos a conceber um número da revista *Concinnitas* só com mulheres: editoras, autoras, artistas, bolsistas, doutorandas, mestrandas e graduandas. Na época, o grupo era formado por Alice Garambone, Ana Emerich, Ana Hortides, Analu Cunha, Ana Tereza Prado Lopes, Andrea Almeida, Daniele Cavalcante, Fernanda Pequeno, Inês de Araujo, Marisa Florido, Rayssa Verissimo e Tatiana Grinberg. O grupo se alterou de lá para cá, com a saída de algumas e a entrada de Gabriela Syderas Soares, cuja ajuda foi de extrema importância na parte operacional. Mais recentemente, Maria Vitória Galdino de Souza participou da edição final deste número e a revista também ganhou a professora e pesquisadora Renata Gesomino como uma de suas editoras.

Na chamada, publicada nas redes sociais, avisávamos:

O número 45 da revista *Concinnitas* será produzido inteiramente pelas mulheres da equipe editorial, curadoras e pareceristas associadas. Artistas e autoras, observem as diretrizes de publicação da *Concinnitas* e encaminhem propostas (artigos, ensaios visuais, traduções e resenhas) sobre mulheres (todas) até 08 de maio de 2022!

O prazo sofreu seguidos adiamentos e diversos fatores levaram o nº 45 para o atual nº 51. Nesses três anos, atravessamos paralisações universitárias, sofremos cortes de bolsas e tivemos muitas ideias, entre elas a de fazer páginas com nossa produção artística, o que permanece em germe para um próximo número.

Em 30 de abril de 2022, uma nota [“Heloisa Buarque, eu?”] na coluna de Ancelmo Gois no jornal *O Globo* anunciava que a ensaísta e escritora Heloisa Teixeira resolvera adotar, aos 83 anos, o sobrenome de sua mãe, “em ruptura com os sobrenomes patriarcais que carregava até então”. No mês anterior, já havíamos escolhido a então Heloisa Buarque de Hollanda para ser nossa entrevistada. Em 28 de julho de 2023, Heloisa tomou posse na Academia Brasileira de Letras e, em 6 de novembro do mesmo ano, Ana Emerich, Analu Cunha, Inês de Araujo e Cristina Salgado foram recebidas com café, biscoitos e a grande capacidade de escuta da anfitriã em seu apartamento do Leblon. Fernanda Pequeno e Ana Hortides, que não puderam estar presentes, enviaram perguntas. Saímos todas absolutamente encantadas com Helô, e as entrelinhas de “Eu vejo outra nação, outra língua, outro tudo!” evidenciam a vocação da entrevistada para a interlocução. Habilidade essa que tão bem utilizou nas quebradas da vida até nos deixar, em 28 março de 2025.

Do total de 36 submissões em resposta à chamada pública, foram selecionados dez artigos, aos quais se somaram a entrevista com Heloisa Teixeira, a tradução de um texto da curadora belga Catherine de Zegher, o ensaio visual da artista carioca Cristina Salgado, professora do Instituto de Artes homenageada na presente edição, além dos convites às pesquisadoras Glaucia Villas Bôas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Viviane Matesco, da Universidade Federal Fluminense. É importante frisar que as pareceristas deste número também são pessoas que se identificam como mulheres.

Os textos aqui reunidos versam sobre processos históricos, artísticos, acadêmicos e pedagógicos, cujos temas de estudo se debruçam sobre artistas mulheres, poéticas visuais na/da arte contemporânea, abordagens feministas, arte indígena contemporânea, escrita de artista, arte têxtil, imaginários fronteiriços, artes da cena, a posição/atuação das artistas na universidade, autorretrato, trabalho sexual, corpo, gênero e sexualidade. As autoras são oriundas de instituições das regiões Centro-oeste (UnB), Nordeste (UFPB, UFPE), Sudeste (UFRJ, UFF, Uerj, Ufscar, USP) e Sul (UFSC, UFRGS, UEL) do Brasil. E também contamos com uma colaboração oriunda de Portugal (Universidade de Coimbra).

Cada uma dessas contribuições reflete a seu modo o que uma das mais emblemáticas frases feministas resume: O pessoal é político.

A entrevista com Heloisa Teixeira abre a edição Mulheres e compartilha momentos-chave da produção crítica e da trajetória ativista de uma voz radicalmente afetiva e política em defesa de uma cultura mais inclusiva.

Catherine de Zegher analisa as estratégias relacionais de reconexão entre arte e vida nos trabalhos de Anna Maria Maiolino e Lygia Clark, articulando-as a temas como corpo, identidade e linguagem.

Examinando obras recentes e de artistas feministas da segunda metade do século XX, Viviane Matesco pontua o papel central do corpo e da sexualidade na arte contemporânea.

Marília Palmeira de Souza interroga outras operações de partilha, estéticas e políticas, em versões contemporâneas de mantos tupinambás, que as produções de Lygia Pape, Daiara Tukano e Glicéria Tupinambá articulam.

Explorando a abordagem estética e política radical presente no trabalho de Laura Aguilar, Camila Fontenele de Miranda destaca o papel fundamental dessa obra na reflexão referente aos estudos do corpo gordo.

Lívia Bittencourt Auler traça o perfil de Natalie Barney, importante escritora do círculo artístico parisiense do início do século XX, incentivadora de artistas mulheres e figura com atuação destacada na busca pela visibilidade lésbica.

Gláucia Villas Bôas mostra como, no trabalho de Cristina Salgado, o feminino, a pele, o corpo e a cor rosada são transfigurados pela pulsão criativa da artista em múltiplas formas e materiais.

Além da obra que é capa da edição Mulheres, a artista Cristina Salgado apresenta ensaio visual reunindo obras de quatro décadas de trabalho.

Elke Pereira Coelho Santana discorre sobre a carga poética e conceitual das sensações presentes nos corpos de objetos de uso cotidiano para a constituição da obra *Protuberâncias*.

Mariana do Vale Gomes investiga, na reprodução assistida, estratégias artísticas e políticas de resistência enquanto seu corpo performa a reprodução como fracasso e loucura.

Partindo da palavra selvagem Ludmilla Alves Carneiro de Lima expõe e relata de maneira irregular vestígios coloniais; relatos expedicionários; ficções especulativas; fabulações.

Maiara Knihš conta, em forma de diário, sua investigação situada e integrada ao cotidiano ao longo do curso de Silvia Rivera Cusicanqui, que acompanhou durante estada na Bolívia.

Louise dos Reis Gusmão Andrade reflete sobre as relações entre o processo poético da feitura do bordado e o papel da arte têxtil como meio de reapropriação do espaço sociopolítico na arte contemporânea.

Vânia Medeiros reflete sobre possibilidades do desenho como ferramenta investigativa em trabalho de campo realizado com grupo de trabalhadoras sexuais em Salvador.

A reunião de relatos de experiências das mulheres-pesquisadoras-professoras do projeto de pesquisa MOTIM – Mito, rito e cartografias feministas nas artes, coordenado pela pesquisadora Luciana Lyra, aponta para os sentidos de luta no campo minado da educação.

Superado um longo processo editorial, finalmente lançamos a edição Mulheres, gestada a muitas mãos, mentes e corpos. Assim como seu título no plural, que reivindica uma plataforma discursiva de muitos significados, esperamos que a presente edição traga múltiplos olhares sobre temas caros e atuais.

Agradecemos a todas que tornaram possível a presente publicação e desejamos uma excelente leitura!

Analu Cunha, Fernanda Pequeno e Inês de Araujo  
Dezembro de 2025